







**O AMANTE MYSTERIOSO**

DRAMA EM 3 ACTOS

O  
AMANTE MYSTERIOSO

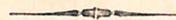
DRAMA EM 3 ACTOS

POR

J. CLODOALDO M. DA COSTA

Academico do 3º anno de Direito

NATURAL DA PROVINCIA DA BAHIA



BAHIA

Litho-typographia de João Gonsalves Tourinho

Rua de Santa Barbara n. 83

1880



## À SAUDOSA MEMORIA DE MEU BOM PAI

O CAPITÃO

Pedro Antonio da Costa

e a de meu muito chorado e extremoso amigo  
**LUCIO PINTO MARQUES**

Não! a dôr sem cura, a dôr que mata  
E' moço ainda e perceber na mente  
A duvida a sorrir;  
E' a perda dura d'um futuro inteiro  
E o de:folhar sentido das gentis corôas  
Dos sonhos do porvir.  
(C. de Abreu.)

Quantos sonhos puros e irradiantes eu vi desaparecer na infancia, meu Pai!

Quão cedo partistes deixando vossos filhinhos em busca de um futuro e sem escutar sequer a palavra balsamica e cheia de fé da esposa!

Ah! como foi illusoria a aurora de meus sonhos do porvir! Caistes!... e d'essa queda cruel nascem a dôr que matou os effluvios de minh'alma e mareou as galas que ornariam o templo de meu porvir lá na Chanaan que m'apontastes!

Ainda assim, meu Pai, de lá, da Eternidade, abençoa-me, e a esse livrinho, traducção dos sentimentos que plantastes em meu coração, e que vossa esposa tem sabido conservar.

.....

E vós, meu dedicado amigo, como deixastes vos fulminar os horrores da morte ?!

Porque não exhalastes o suspiro ultimo e de tantas recordações nos braços de vosso amigo agradecido?

E não vistes ao menos os louros da minha primeira batalha academica !

Como me foi cruel vêr toda a gloria transformar-se em tanto luto !

Adeus, meu bom amigo: si um dia chegar victorioso ao marco da longa jornada, que soubestes me guiar quando mais escabroso era o caminho, ao circumdar-me a fronte beijada pela desventura o laurel da Sciencia, n'esse momento mais solemne de minha vida academica, porque a alma vai confundir-se nas glorias do porvir irradiante que desponta e nas magoas do passado cruciante, que revive, eu juro-vos, meu charo amigo, que, a par do juramento que a lei impõe-me, farei um mais nobre, mais puro no intimo de minh'alma, que é :

Saberei respeitar vossa memoria e honrar o nome de meu Pai.

Abençoai-me e apontai-me sempre dos Ceus a estrada da honra e do dever.

## Á SAUDOSA MEMORIA

DE MEU BOM MESTRE

o Illm. Sr.

**Dr. JOÃO ESTANISLAU DA SILVA LISBOA**

*Semper honos, nomenque tuum laudesque manebunt.*

( VIRGILIO )

## À MINHA EXTREMOSA MÃI

A EXMA. SRA.

**D. GUILHERMINA CANDIDA MOREIRA DA COSTA**

---

Fagueiro rosal de flores coberto  
Que o limpido orvalho matiza de brilho,  
Ventura na vida, conforto nas dôres  
O seio materno refugio de um filho.

(Do Auctor.)

O AMANTE MYSTERIOSO é o primeiro filhinho de minha acanhada intelligencia, a voz significativa do que ha de mais sublime no intimo de minh'alma, o mais santo dos tributos que hoje manda-me atravessar as portas do grande mundo litterario, minha bôa Mãi!

E a quem eu deveria dedicar esta obrinha, senão a vós, companheira unica e fiel dos soffrimentos, que me tem apunhalado a alma desde a infancia?

A quem, senão a vós, que poderá ler suas paginas abençoando e animando-me?

Ah! minha Mãi, a vós tão somente que, ainda hontem, quando eu vinha irradiante de glorias e louros colhidos no primeiro certamen academico para beijarvos a mão e depôl-os a vossos pés, tinheis de contar-me a historia longa e angustiosa dos ultimos dias do amigo tão extremo que eu nem vi siquer desaparecer em meus braços.

E como é cruel e escarnekedora a gargalhada da morte!

Entretanto dêstes-me o balsamo nos vossos carinhos sem limites, consolastes-me!

Agora que vosso lenitivo modifica tanta dôr e traz-me forças para continuar minha peregrinação scholastica, acceitai o AMANTE MYSTERIOSO, unica dadiva, pobre, é verdade, mas, que vos posso fazer hoje.

Lêde-o; não encontrareis a linguagem cheia de encantos e riquezas, nem a litteratura florida; não tive forças para apresentar este trabalho que muito glorificar-me-hia; mas haveis de encontrar a esperança abençoada por Deus, unico lenitivo para as desventuras que tanto parecem nublar o ceu de meu porvir.

Aqui ou algures, a luta é luta, disse o Mestre (\*): e si n'essa luta da Sciencia algum louro aguardar-se para mim, certamente será vossa essa grandeza, minha bôa Mãi.

Pedi a Deus que meus amigos e meus bons collegas acolham tão bem o meu pobre livrinho, como vós, unica que não cessará de dar-lhe o beijo enternecido e doce de mãi extrema, que sempre se disvellará pelo filho dedicado

JOÃO.

(\*) Dr. Aprígio Guimaraes, lente da Faculdade de Direito do Recife.

## A MEUS BONS AMIGOS

### E MEUS BONS COLLEGAS

Ha deveres que levam-nos a ultrapassar os limites da esphera em que colloca-nos a natureza, apresentando-nos assim ao cõhecimento publico.

A gratidão filial, unico balsamo para ser o lenitivo do coração da mãi disvellada, fez-me ser ousado, impôz-me um sacrificio; escrevi.

Mas o que poder-se-ha encontrar de inebriante e scientifico nas poucas paginas de um livro, primeiro e talvez unico que mande ao publico?

Escrevi-o: sou hoje auctor do AMANTE MYSTERIOSO, eis o seu nome; imprimi-o; examinae-o minuciosamente, e convencei aos maldizentes que elle não demanda louros.

Apresento-lo-vos somente, porque menos serão os martyrios do peregrino, vosso amigo, vosso collega, cuja provada incapacidade certamente reconhecis e sabereis melhor desculpar.

Si o zoilo sempre abjecto como a vibora venenosa tentar morder-lhe, passai deixando-o estorcer-se no lamaçal da mentira; porque antes valerá para mim vossa opinião ou vossa critica, sempre amigavel, que corrigir-me-ha, que a maledicencia pestifera que sempre infama.

Assim apresento-vos meu ensaio dramatico testemunhando-vos gratidão á estima e amisade que benevolamente me tendes dispensado.

### Carta de meu bom collega e particular amigo Tranquilino L. Terres

CLODOALDO :

Com grande jubilo soube que ias dar á publicidade o teu drama—o AMANTE MYSTERIOSO, cujo nome muito bem assenta; e então resolvi dirigir-te pessoalmente o testemunho, ainda que humilde, da minha gratidão, por este grande beneficio que vaes prestar á tua grande Patria.

Pela rapida leitura que d'elle fiz posso consideralo verdadeiro thesouro para uma familia, pois é elle um livrinho verdadeiramente precioso, que, devendo ser lido por todos, até pela innocente e timida donzella, é digno de occupar todas as estantes e de entrar no seio das familias honestas, já que não acharão n'elle o virus contagioso da immoralidade, mas uma linguagem accommodada aos verdadeiros preceitos da moral evangelica.

Quizera até vê-lo espalhado por todo o Imperio e conhecido por todos os leitores, para o que aconselharia ás nossas livrarias que em vez de romances immoraes e licenciosos dessem preferencia a este teu lindo e perfumado ramalhete de flores.

Procuraste, porem, para tua estréa, entre todas as margens das letras, a mais escabrosa e a mais brilhante.

A mais escabrosa, porque a par do talento é mister acurado estudo, afim de que com affinco prescrutes ora os caracteres mais ou menos sensatos, ora os differentes costumes, que contribuem como sustentáculos para a grandeza e prosperidade de qualquer paiz, mormente o nosso, onde se vê a anarchia, esse cahos em que jazem confundidas as noções do bem e do mal, recebidas desde o berço nos joelhos de nossas boas mãis; onde em uma só phrase parece percorrer-se as ruas publicas bradando a revolta de que nos faz lembrar as scenas do *Terror* e da *Communa* que tanto ensanguentaram a França de S. Luiz e da famosa heroína Joanna d'Arc. A mais brilhante, porque n'ella não predomina um materialismo desenfreado, mas, desenvolvem-se os grandes sentimentos onde tem origem os nobres principios e os grandes commettimentos.

Trabalhaste tambem concorrendo com o teu pequeno obulo para o templo da Arte, a grande alavanca do progresso, pharol giganteo da civilisação e guia do futuro.

Concorreste para ella ainda não manchada pela impureza e pelo vicio, que tende a todo transe embotar os mais nobres sentimentos do homem e abafar os mais ardentes impulsos do coração e desviar os grandes engenhos.

Déste, portanto, um profundo golpe sem o toque do clarim e o rufar dos tambores n'esta luta continua do vicio contra a virtude, da violencia contra a justiça, da prepotencia contra a materia.

Fizeste uma obra de patriotismo mostrando ao povo, que não lê, que não estuda e não medita, o caminho que lhe traçam a lei e o dever.

A pureza das idéas, a escolha intelligente e crite-

riosa do assumpto são duas grandes garantias para a sua propagação.

O teu AMANTE MYSTERIOSO não é dos livros que diz o douto Vieira: uma vez lidos não teem mais que lêr; não, certamente não é d'esses.

Ahi, no trabalho em que dedicaste teu talento, não encontrarão teus amigos e collegas a litteratura florida de que a materia comporta, nem tão pouco as regras severas da Rhetorica; acharão, porem, um fim nobre, sublime, e mais até um fim santo.

Obscurecer o merito de teu livro, trabalho precioso, puro filho de tuas locubrações, seria ir de encontro aos verdadeiros preceitos da consciencia bem formada, seria até negar a verdade, que resplandecente se apresenta á evidencia.

Em uma epoca, quando se procura a todo transe incutir no animo da mocidade o germen da discordia e plantar no seio das familias a dissolução, era mister haver quem se encarregasse de escrever livros, que transitando por todas as mãos fossem o balsamo para as chagas das victimas, não permittindo arrastarem-se pela torrente enganosa.

Prosegue em tua ardua e utilissima tarefa, pois tens por officina o Universo, onde os grandes homens são artistas, já que não te hão de faltar os applausos de todos quantos sabem apreciar o verdadeiro merito e repellir com a devida dignidade as utopias insensatas que tendem abalar a sociedade em seus alicerces; embora hajas de soffrer muitas contrariedades e amarguras, porque esta é a sorte dos que se alistam nas bandeiras do progresso.

Salve, astro fulgurante! Um dia surgirá irradiante de flores e glorias a aurora de teu porvir! Avante,

apostolo das lettras! continua a honrar a nossa chara Bahia.

Terminando estas tão toscas quão mesquinhas phrases, filhas tão somente do coração, faço votos á Providencia por teu feliz futuro; e tenhas sempre a teu dispôr esse que, levado do mais sublime enthusiasmo, tem a honra de pedir-te venia para assignar-se

Teu amigo sincero e collega

TRANQUILINO L. TORRES.

Recife—1879.

### Carta de meu sympathico e talentoso collega e amigo J. I. Martins Junior

CLODCALDO:

Permitti que eu abra estas linhas com uma saudação unvida do oleo santo da amizade — Parabens! Quem se arrisca a fazer a travessia dos mares procellosos da litteratura patria, guiado apenas como Colombo pela bussola inquebrantavel d'uma vontade de ferro, attrahido pelo magnete risonho dos louros da conquista—d'essas conquistas inquerentas dos tempos hodiernos, tem direito á consagração do reconhecimento das bôas consciencias que trabalham para a perfectibilidade social.

Parabens, pois.

Na modesta solidão do meu quarto eu li as paginas que tu atiras como estréa aos paramos da publicidade.

E li-as com as expansões da satisfação, acredita. Faço-te simplesmente justiça.

O teu livro exprime uma esperanza risonha e uma promessa cheia de vida.

O AMANTE MYSTERIOSO é como uma dilatação da luz benefica que precede aos grandes splendores.

Ainda bem.

Procuraste o mais difficil e escabroso dos arraiaes das lettras para n'elle assentares a tua tenda.

## XVIII

Não o ignoras.

Terás de arcar com as asperezas das escolas e com as necessidades d'uma observação accurada dos costumes, das influencias que actuam no organismo social, e do meio em que gravitamos.

Sobram-te o talento e o gosto para vencel-as.

Comtando que o methodo e os bons auctores presidam-te os labores.

Fallei de escolas !

É occasião de dizer-te que o maior defeito de tua obra é filiar-se á escola romantica.

Entretanto absolve-te d'esta falta o facto de seres um neophito da arte.

Arrastou-te a imaginação.

Não pudeste imprimir um cunho verdadeiramente positivo á tua concepção...

Apezar d'isto, porem, eu creio que o *realismo* pode vêr em ti para o futuro um vigoroso sectario dos seus dizeres.

É para elle que concorrem todos os impulsos da mentalidade moderna.

E tu não constituirás excepção.

Digo-o assim, porque tenho certeza de que continuarás a cultivar a seara do espirito.

E esse espirito deve ser o contemporaneo.

Trabalha! Continua a alimentar em ti os estimulos magnificos que te enchem o peito!

Honra-te com essas obrigações dos operarios cyclopicos da intelligencia!

Procura produzir e plantar as sementes impereciveis do Bem no solo pouco arroteado da Verdade! Aprende a ter a fé das grandes convicções terrenas, mas por isso mesmo evidentes, e que constituem o fundo da personalidade!

E não deixarás de ter a recompensa.

Antes de tudo a satisfação da consciencia moral...

Aqui, nas terras onde se balanceou pela primeira vez o nosso berço, e onde se nos inflamam os pulmões aos queimores das auras americanas (sabes-l'ò perfeitamente), aqui, como uma antithese esmagadora aos turbilhões de seiva que a natureza revela... ha desde os ouropeis da cõrte até os farrapos das aldeias um silencio enorme de apathia, uma falta absoluta do caminhar da instrucção.

Por isso a litteratura vai por estes tempos mendiga e moribunda.

E o theatro, e o drama principalmente agonizam no estertor, que a inutilidade gera.

Magalhães, J. de Alencar e Macedo não encontram seguidores.

Apenas uma ou outra tentativa filha da ousadia dos moços.

O teu AMANTE MYSTERIOSO tambem o é.

Uma tentativa!

Mas, uma tentativa crepitante do calor da inspiração!

Mas, uma tentativa gigante!

Honra a ti e áquelles que como tu se esforçam pelo progredir da Patria!

.....  
É tempo de terminar.

Vou fazel-o e nada mais adduzirei ao que fica dito. Antes, porem, um conselho.

Ha provações fortissimas, que chegam a esmagar os sentimentos de quem se atira ás pugnas do futuro; ha amargas decepções, que são como a renovação da cicuta do sabio grego e dos martyrios do Nazareno.

No meio, porem, das exalações cruciantes e pestíferas da dôr e das feridas que se recebe nas refregas, nunca se deve abrandar o aço da convicção e a implacabilidade da vontade tenaz.

É necessario ser-se Titão.

Não desanimes, pois, quando sentires o choque da critica ou o desprezo dos insensatos!

Não tremas pela approximação da luta!

Só assim alcançarás a corôa do martyrio, que vem quasi sempre entrelaçada aos louros da victoria!

Mas, a estrada do porvir estende-se para ti diaphana e luzidia.

Que as palmas estrepitantes da mocidade—tua irmã—te acolham na passagem, é o sonho desejado do amigo, que deu sombra ao teu livro com os traços feios de sua penna.

Recife — 1879.

J. I. MARTINS JUNIOR.

---

## O AMANTE MYSTERIOSO

## PERSONAGENS

D. LUIZA BORGES . . . . .	17 annos
D. CECILIA, sua amiga. . . . .	19 »
D. HELENA, amiga de sua familia. . . . .	54 »
JOSEPHA— criada. . . . .	18 »
COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES, pai de D. Luiza	55 «
Dr. EUGENIO DE ANDRADE, noivo de D. Luiza . . .	21 »
Dr. LEOVIGILDO GOES, seu amigo. . . . .	25 »
BARÃO DE PONTES MELLO, rival do Dr. Eugenio de Andrade . . . . .	50 »
ALVARO BORGES, sobrinho do Commendador Borges Guimarães . . . . .	24 »

## ACTO PRIMEIRO

### SCENA I

Sala ricamente mobiliada, portas lateraes e duas ao fundo. Ao levantar-se o panno Luiza acha-se sentada e pensativa com um retrato na mão. Cecilia vem apparecendo.

D. CECILIA

Em que pensas, bôa Luizinha? Porventura estarás zangada com teu querido Eugenio? (*Beijam-se.*)

D. LUIZA

Ah! não. Si assim fosse teria o consolo de logo ser acariciada por elle; e a prova de não estarmos zangados... (*Mostra o retrato.*)

D. CECILIA

Estás tão pensativa!...

D. LUIZA

Não sabes que Eugenio seguiu para a Côrte?

D. CECILIA

Não, Luizinha; na verdade estava proxima sua viagem, mas não julguei ser tão urgente. Resigna-te.

D. LUIZA (*cabisbaixa*)

Seguiu hontem inesperadamente a cha-

## ACTO PRIMEIRO

### SCENA I

Sala ricamente mobiliada, portas lateraes e duas ao fundo. Ao levantar-se o panno Luiza acha-se sentada e pensativa com um retrato na mão. Cecilia vem apparecendo.

D. CECILIA

Em que pensas, bôa Luizinha? Porventura estarás zangada com teu querido Eugenio? (*Beijam-se.*)

D. LUIZA

Ah! não. Si assim fosse teria o consolo de logo ser acariciada por elle; e a prova de não estarmos zangados... (*Mostra o retrato.*)

D. CECILIA

Estás tão pensativa!...

D. LUIZA

Não sabes que Eugenio seguiu para a Côrte?

D. CECILIA

Não, Luizinha; na verdade estava proxima sua viagem, mas não julguei ser tão urgente. Resigna-te.

D. LUIZA (*cabisbaixa*)

Seguiu hontem inesperadamente a cha-

mado do governo, e agora não sei quando hei de vê-lo.

D. CECILIA

Muito breve; é mister que nunca desanimas.

D. LUIZA

E si eu tivesse a duvida de não vê-lo mais...

D. CECILIA

Esquece-te d'isso.

D. LUIZA (*afflicta*)

Impossivel! Eugenio amará outra mulher mais bella do que eu, que definhar-me-hei em soffrimentos.

D. CECILIA (*veixada*)

Luizinha! Não faças esta injustiça a quem adora-te.

D. LUIZA

Perdôa-me, Cecilia. (*Olhando o retrato*)  
Como é lindo!

D. CECILIA

Creança! (*Pausa.*) Ouço passos... quem será?

D. LUIZA (*esconde o retrato*)

Sentemo-nos juntas; talvez seja papai.  
(*Sentam-se.*)

## SCENA II

As mesmas e o COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Que lindas pombinhas! (*D. Luiza e Cecilia beijam-lhe a mão.*) Sabes, Luiza, que vou fazer-te uma dadiva?

D. LUIZA

Que será, papai?!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Acceitas?

D. LUIZA

Será possivel recusar, papai?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*beijando-a*)

Trago-te a chave de oiro de teu futuro cheio de venturas.

D. CECILIA

Felicito-te, Luizinha.

D. LUIZA (*admirada*)

Mas... ignoro o que seja isso, papai...

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*dá-lhe uma carta*)

Eis aqui: pensa e decide.

D. LUIZA

Uma carta! Lê pormim, Cecilia; consente, papai? (*Commendador Borges Guimarães entrega a carta a D. Cecilia.*)

D. CECILIA (*lendo*)

« Illm. Sr. Commendador Borges Guimarães.

« Cumprimento a V. S. e á Exma. Familia.  
« Urgente necessidade leva-me a declarar a V. S. o desejo ardente de unir-me á Exma. Sra. D. Luiza Borges Guimarães, virtuosa filha de V. S., que certamente ignorará esse amor que alimento ha tempo e sem esperanza.

mado do governo, e agora não sei quando hei de vê-lo.

D. CECILIA

Muito breve; é mister que nunca desanimas.

D. LUIZA

E si eu tivesse a duvida de não vê-lo mais...

D. CECILIA

Esquece-te d'isso.

D. LUIZA (*afflicta*)

Impossivel! Eugenio amará outra mulher mais bella do que eu, que definhar-me-hei em soffrimentos.

D. CECILIA (*veixada*)

Luizinha! Não faças esta injustiça a quem adora-te.

D. LUIZA

Perdôa-me, Cecilia. (*Olhando o retrato*) Como é lindo!

D. CECILIA

Creança! (*Pausa.*) Ouço passos... quem será?

D. LUIZA (*esconde o retrato*)

Sentemo-nos juntas; talvez seja papai. (*Sentam-se.*)

## SCENA II

As mesmas e o COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Que lindas pombinhas! (*D. Luiza e Cecilia beijam-lhe a mão.*) Sabes, Luiza, que vou fazer-te uma dadiva?

D. LUIZA

Que será, papai?!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Acceitas?

D. LUIZA

Será possível recusar, papai?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*beijando-a*)

Trago-te a chave de oiro de teu futuro cheio de venturas.

D. CECILIA

Felicito-te, Luizinha.

D. LUIZA (*admirada*)

Mas... ignoro o que seja isso, papai...

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*dá-lhe uma carta*)

Eis aqui: pensa e decide.

D. LUIZA

Uma carta! Lê por mim, Cecilia; consente, papai? (*Commendador Borges Guimarães entrega a carta a D. Cecilia.*)

D. CECILIA (*lendo*)

« Illm. Sr. Commendador Borges Guimarães.

« Cumprimento a V. S. e á Exma. Familia. « Urgente necessidade leva-me a declarar a V. S. o desejo ardente de unir-me á Exma. Sra. D. Luiza Borges Guimarães, virtuosa filha de V. S., que certamente ignorará esse amor que alimento ha tempo e sem esperança.

« Fazendo a V. S. minha declaração, espero ser designado o primeiro dia de minha tão desejada felicidade.

« Sempre respeitador e amigo

« *Barão de Pontes Mello.* »

D. LUIZA (*arrogante*)

Como é petulante o Barão de Pontes Mello!

D. CECILIA

E' esperançoso!

D. LUIZA

Papai resolverá.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*puxa o relógio*)

Ha tres dias que recebi esta carta; espero-o já.

D. LUIZA (*irada*)

E papai sabe se o odeio?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Que importa! Não sabes que é millionario?

D. CECILIA

O amor de uma virgem não humilhar-se-ha diante do oiro do Sr. de Pontes Mello, Sr. Commendador!

### SCENA III

Os mesmos e o BARÃO DE PONTES MELLO

BARÃO DE PONTES MELLO (*á porta*)  
Sr. Commendador Borges Guimarães...

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Sr. Barão, queira entrar. (*Luiza e Cecilia conversam.*)

BARÃO DE PONTES MELLO (*cumprimenta a todos*)

Vim receber a sua decisão, Sr. Commendador.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Luiza, eis aqui o Sr. Barão de Pontes Mello que espera ser o teu esposo, determinando o dia de hoje para responder-lhe o pedido que fez-me na carta que apresentei-te; peço-te que assim faças por mim.

Estou velho, nada mais posso aspirar que um casamento como este digno de nossa familia; estou muito certo de que o Sr. Barão será tão extremoso para contigo como o é teu pai; portanto, decide.

D. LUIZA (*humilde*)

São para mim por demais honrosas suas intenções, Sr. Barão; todavia, me é muito necessario confessar um segredo a V. Ex. e a papai. Amo desde os primeiros dias de minha mocidade; consagrei o meu primeiro e unico amor a um moço que tambem offerrou-me o seu e que tem sabido dignamente mantel-o; prostituir agora tantos juramentos e assassinar com a mentira os dias de seu futuro, não é louvavel á virgem que se preza.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*pasma*)

Então, amas, Luiza!?

D. LUIZA

Sim, papai; e com toda a lealdade.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

A recusa d'esse pedido apontar-me-ha o tumulto em breve, minha filha.

D. LUIZA (*triste*)

Ah! Que sacrificio, papai!

D. CECILIA (*contrariada*)

E V. Ex., Sr. Barão de Pontes Mello, exige-o?

BARÃO DE PONTES MELLO

Sacrificio! Porventura pode-se assim chamar a retribuição de um amor?

D. LUIZA (*irada*)

Sim, Sr. Barão, e que Deus não deixará realizar-se. Odeio-o; e só para não ser eu a origem da morte de papai é que concedo-lhe minha mão, avisando antes disto a meu amante toda essa sua infame exigencia.

Não maldiga se um dia menosprezo o seu oiro, seus criados, suas sedas e seus disvelos, porque serão punhaladas que hão de ferir-me a cada momento. Amo louca e cegamente a... Ah! ia sendo indiscreta. (*Commendador Borges Guimarães continúa a passear.*)

BARÃO DE PONTES MELLO

Não posso crer, minha senhora, que V. Ex. odeie-me e zombe tanto de meu amor. E' impossível!

D. CECILIA

Impossível! E que certeza tem d'isto V. Ex.? Queria porventura que ella esquecesse-o se fosse para com V. Ex. este amor?

BARÃO DE PONTES MELLO

Nunca, minha senhora.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*pára*)  
Decidirei. Acompanhe-me, Sr. Barão (*saem*).

## SCENA IV

D. LUIZA, D. CECILIA e depois ALVARO

D. CECILIA

E' um idiota o Barão de Pontes Mello.

D. LUIZA

E eu por demais infeliz! Que fará papai de mim? Será possível realizar-se esse casamento? Quanto é terrivel a imposição injusta de um pai á filha que tanto o venera! Senhor Deus, tenho fé em Vós, cuja justiça aniquilará o riso hypocrita d'aquelle demonio, que apodera-se de um titulo comprado para roubar o amor virgineo, e salvar-me-ha de tantos martyrios.

D. CECILIA

E D. Helena?

D. LUIZA

Lembras bem; é preciso escrever á minha mãesinha.

ALVARO (*entrando*)

Sempre juntinhas! (*Pausa.*) O que ha por aqui, prima? Como que estão zangadas!...

D. LUIZA

Soffro bastante, Alvaro, e para minhas afflicções só ha um balsamo que é a minha morte.

ALVARO (*ancioso*)

Que ha? Dize-me, prima, que vou vingar-te já e já.

D. LUIZA

Dir-te-hei tudo, espera. Cecilia, faça um bilhete á minha mãesinha narrando-lhe o que ha passado e exigindo a sua presença.

D. CECILIA

Já, Luizinha. Espero-te no jardim (*sae*).

ALVARO (*ancioso*)

Falle, prima, que estou veixado.

D. LUIZA

Sou por demais desgraçada hoje, primo; papai exige meu casamento com o Barão de Pontes Mello.

ALVARO

Que! Meu tio está doudo! Eu prometto que não te casarás com aquelle corujão, prima. Não tenhas receio de cousa alguma enquanto tiveres teu primo. (*A' parte*) Si souberes...

D. LUIZA

E o que farei se papai tomou a si essa decisão?

ALVARO (*apressado para sahir*)

Sê-lhe sempre obediente, prima; vou salvar-te (*sae*).

## SCENA V

D. LUIZA e depois o Dr. LEOVIGILDO GOES

D. LUIZA (*lacrimosa*)

Ah! Senhor Deus, si a infamia ha de afoagar-se em prazeres enquanto eu soffro; si o crime ha de realisar-se enquanto aniquila-se uma crença e esmaga-se um coração, seria mais sublime o mugir cruel de Satan morrer ao ouvir-se o hymno santificado da virgem, do que despedaçada a esperança pelo monstro que ri-se orgulhoso de sua victima! Bem sei que não devo ir de encontro a essa terrivel imposição de pa-

pai; mas se a cruel sentença ha de cumprir-se, oh! prefiro morrer a ser perjura a Eugenio! Livrai-me de tantas angustias; levai-me aos céos, onde encontrarei a mãe carinhosa que perdi na infancia; do contrario serei tambem criminosa assassinando o amor santo e de tantos annos. (*Dr. Leovigildo Goes, que a escutava, apparece.*)

DR. LEOVIGILDO GOES

Minha senhora...

D. LUIZA (*confusa*)

Estava ahi ha muito, Sr. Doutor?

DR. LEOVIGILDO GOES (*triste*)

Ouvi-lhe a voz, minha senhora; vim visitá-la e animal-a para que possa suster-se em frente do medonho abysmo que cruelmente se lhe apresenta. Amigo, como sabe V. Ex. que sou do Dr. Eugenio, tive muitas occasiões de ouvir confidencialmente as narrações de um amor, que tributa a V. Ex. e de que sei intimamente haver sincera retribuição. A' vista d'isso, venho prestar em nome de meu amigo os serviços a meu alcance, apezar de que V. Ex. pretenda resistir até os ultimos momentos. Todavia, peço a V. Ex. que não me poupe; pois o Dr. Eugenio estará aqui muito breve.

D. LUIZA (*alegre*)

Eugenio?! Como sabe, Sr. Doutor?

DR. LEOVIGILDO GOES

Por um telegramma que mandou-me indagando d'esse casamento ignorado por mim, e que o Sr. Commendador poude hon-

tem affirmar-me. Não demorar-se-ha muito; porém se houver grande necessidade de sua presença, participar-lhe-hei.

D. LUIZA

E como Eugenio teve conhecimento d'essa injustiça de papai?

DR. LEOVIGILDO GOES

Por um telegramma.

D. LUIZA

Quanto é generoso seu coração, Sr. Doutor! Seja meu protector, já que sou tão infeliz; e dê-me forças na luta, senão serei bem desgraçada.

DR. LEOVIGILDO GOES

Nunca serei protector de V. Ex., cumprirei fielmente este dever, salvando-lhe das garras de um tigre.

D. LUIZA

Ah! Agora revive em meu coração a esperança de unir-me a Eugenio, uma vez que encontro uma defeza desinteressada em um amigo leal e sincero como é V. S.; papai, cego de indizível ambição, impõe-me um casamento que vem trazer a infamia e o crime para nossa familia; como filha obediente e extremosa não deixarei um só momento de acceder a seus desejos, para que os maldizentes não me chamem ingrata ou assassina de um velho. Mas, será possível também que murchem-se todas as flores de nosso passado em um só momento de torturas? Não, Sr. Doutor, Deus não permitirá tanta injustiça salvando-me.

DR. LEOVIGILDO GOES

Tenha muita esperança, minha senhora! Breve, talvez que amanhã esteja com o Sr. Commendador, e far-lhe-hei ver o que vai fazer. Tranquillidade (*sae*).

D. LUIZA

Como é generoso o Dr. Leovigildo Goes! Nos mais criticos momentos em que vão se profanar tantos juramentos ou matar-se tanta seiva dos dias de um futuro, apresenta-se elle com o anjo salvador da virgem, que prefere a loucura ou a morte ao remorso ou o crime. Ah! já esquecia-me que a mãesinha deve estar no jardim á minha espera (*sae*).

## SCENA VI

ALVARO ( só e zangado )

Hei de mostrar áquelle moedeiro si case-se com a prima. Patife! Como escapou de viver hoje em uma masmorra, quer agora com um baronato miseramente comprado pilhal-a. Só admira-me o tal senhor meu tio, que, sabendo da horrorosa chronica d'esse sandeu, impõe tal casamento á prima. Esmago os miolos d'aquelle bruto com um tiro de meu revolver. Que cynico! Que ideia fará elle da familia Borges Guimarães? Ah! julga ser feliz ainda n'esta empreza?..... (*Ri-se com desprezo.*) Eugenio infallivelmente já terá recebido o telegramma que mandei-lhe avisando-o d'essa arbitrariedade de meu tio; agora, vou participar á prima, que ainda ignora. (*Sahindo*) Aquelle tratante não brincará.

## SCENA VII

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES e o BARÃO DE PONTES MELLO

BARÃO DE PONTES MELLO

E' necessario realisar-se já e já, pois tenciono seguir para a Europa afim de assistir á Exposição.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Não haverá a menor duvida; o Sr. Barão determinará o dia.

BARÃO DE PONTES MELLO

Uma vez que dá-me a preferencia, escolho o dia 25 de Agosto.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Estou certo que Luiza será feliz unindo-se ao homem que lhe vota amor extremo e puro; quanto ao que ella diz é uma levandade de mulher e não firme proposito; demais ella ouvirá sempre meus conselhos, guiando-se pelos bons principios de educação, que soube dar-lhe; meiga como ella é, não deixará de honrar o nome de seu esposo e viver amavelmente com elle.

BARÃO DE PONTES MELLO

Conheço perfeitamente tudo isso, Sr. Commendador; nada do que ella diz incommoda-me; talvez assim faça levada por conselhos de alguém; mas, amo-a sempre e seria um desgraçado si não encontrasse apoio em um tão disvelado pai.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*toca uma campainha*)

Preciso fallar-lhe ainda.

BARÃO DE PONTES MELLO

Infallivelmente persistirá em seu capricho de moça. (*A' parte*) Será possivel não humilhal-a?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

E' uma pombinha.

## SCENA VIII

Os mesmos, JOSEPHA (*entrando*), depois LUIZA

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Onde está Luizinha?

JOSEPHA

No Jardim com D. Helena e D. Cecilia.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Preciso fallar-lhe. (*Josepha sac.*)

Eis uma senhora que aconselhar-lhe-ha para que realise o casamento; foi amiga leal de minha fallecida esposa, e Luizinha, pelo amor disvelado que lhe vota, chama-a mãesinha. Estou muito certo de que ella opinará por isso, e minha filha, respeitando-a, não recusar-se-ha.

BARÃO DE PONTES MELLO

Desejo conhecê-la, uma vez que desvelasse assim pela senhora que em breve será minha esposa.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*tocando a campainha*)

O Sr. Barão sympathisará bastante com esta senhora respeitavel, e talvez mesmo a conheça.

BARÃO DE PONTES MELLO

Não duvido.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Conheceu o General Marques Lima?

BARÃO DE PONTES MELLO (*assustado*)

Que perdeu um braço em campanha?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Exactamente. Esta senhora é a sua viuva.

BARÃO DE PONTES MELLO (*á parte*)

Naufrágo! Estou mal.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*a Josepha que entra*)

Dize a Luizinha que desejo fallar á Sra. D. Helena.

JOSEPHA

A Sra. D. Helena já retirou-se.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Dize a Luizinha que espero-a. (*Josepha sae.*)

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Sinto V. Ex. não encontral-a.

BARÃO DE PONTES MELLO (*confuso*)

Conheço-a por tradicção; dizem ser uma excellente senhora. (*A' parte*) Estou por terra.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Preferi-a como uma testemunha do acto.

BARÃO DE PONTES MELLO (*disfarçando*)

Sim; é optima a escolha.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Estou muito certo de que não se ha de recusar.

D. LUIZA (*entrando tristemente*)

Sr. Barão... (*A' parte*) Julguei não encontral-o.

BARÃO DE PONTES MELLO

V. Ex. sempre pensativa.

D. LUIZA (*com desprezo*)

Sou perseguida, Sr. Barão.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Ainda estás zangada com teu pai?

D. LUIZA (*com o lenço aos olhos*)

Nunca, papai; apezar...

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Acaso exijo algum sacrificio? Não digas assim contra o pai que tanto ama-te; escuta-me, vou dar-te uma noticia cheia de contentamento para nós. Sabes que teu casamento é no dia 25 do mez vindouro?

D. LUIZA

Papai, não falle-me n'esta terrivel união, procure esquecer-se de tanto constrangimento para sua filha; não queira ver dissipar-se a cada instante uma por uma as esperanças de sua vida; deixe tantos rigores para um algoz que espera-me. Não impõe-me ser esposa do Sr. Barão de Pontes Mello? Deixe que seja elle quem venha saciar tanta sede no sangue de sua victima. Amei loucamente ao companheiro fiel de meus sentimentos, julgando encontrar um

dia no generoso coração de papai apoio ás minhas intenções; tudo foi inutil; soffrerei, mas um dia (*olha com desprezo para o Barão*) Sr. Barão... a sua victima...

BARÃO DE PONTES MELLO

Não desdenhe-me assim, D. Luiza; basta de tanto escarneo ao amor que alimento em minh'alma!

D. LUIZA (*interrompendo-o*)

Não ouse, Sr. Barão, respeito-o e portanto não posso escarnecer de seu amor, pois nunca procurei encontrar este sentimento em outro coração, senão no de meu amante.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

E quem é elle, minha filha?

D. LUIZA

Um desgraçado como eu, papai (*cae recostada*).

BARÃO DE PONTES MELLO

Minha senhora!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Pobre anjo! Como és tão sensivel!

D. LUIZA

Estou incommodada, papai; permitta retirar-me (*sae*).

BARÃO DE PONTES MELLO (*irado*)

E' impossivel, Sr. Commendador! Desejo sair.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Acompanho-o, Sr. Barão (*saem*).

SCENA IX

D. HELENA e D. CECILIA (que lê um folheto para si)

D. HELENA

Quanto soffre aquelle anjo! Pomba innocente necessitando ainda dos disvellos de um pai, que lhe devia ser extremoso, já que o negro phantasma da morte lhe roubou o que havia de mais santo, é hoje o carrasco que arrasta-a como cumplice de um crime para o cadafalso da infamia!

Creança ainda, mas, occultando em seu peito a fé viva de um Deus, alimenta em su'alma os sonhos dourados que deu-lhes infancia e que o futuro vai abraçar para que uma felicidade constante lhe mitigue as magoas de hoje e Deos abençoe-lhe. Mas, ah! como que a fatalidade vem pouco a pouco impedir-lhe os passos na jornada; debil e sem animo para resistir, é facil ser vencida; recorre a mim, pobre viuva que uni-me á sua mãe como irmã; nada posso fazer-lhe de grandeza; apenas disponho da honra e dignidade da familia; si ainda de todo não estiver arruinada a sociedade, lançarei mão de alguns meios, que salvem um anjo dos ceus das garras de um monstro sequioso, e façam com que um pai injusto respeite ao menos os direitos de sua filha. (*D. Cecilia escuta-a.*) Então, Luizinha ha de ligar-se a um homem cujo passado é a infame historia de um corrupto, e a quem meu marido livrou por vezes do degredo? Nunca. Que importa-me o odio que ha de votar-me o Sr. Commendador Borges Guimarães, si não devo consentir em tanto crime? Venha

o Sr. de Pontes Mello com a arrogancia de seu oiro que far-lhe-hei calar-se!

D. CECILIA (*interrompendo-a*)

Abençõe Deus vossas intenções, D. Helena! E' mister salvar-se este anjo, que unindo-se áquelle monstro vae ser uma criminosa tambem, e unicamente apontada. Teremos forças para salva-la.

### SCENA X

As mesmas e o Dr. LEOVIGILDO GOES

DR. LEOVIGILDO GOES (*afflicto*)

Salvar-se-ha! Ella! A victima! . . . .

D. HELENA E D. CECILIA (*ao mesmo tempo*)

Como, Sr. Doutor?

DR. LEOVIGILDO GOES (*ancioso*)

E' um segredo, que só a ella posso revelar, perdoem-me; é um dever que cumpro; não procurarei ter uma só falta por levianidade; ella será salva.

D. HELENA

E seu pai, Sr. Doutor?

DR. LEOVIGILDO GOES

Terá remorsos de seu crime, minha senhora! Oh! ella tarda; desculpem-me, vou procural-a (*sae*).

D. CECILIA (*duvidosa*)

Que será, meu Deus?!

D. HELENA

O prenuncio da victoria, talvez. Todavia occultemo-nos aqui. (*Entram por uma porta lateral.*)

### SCENA XI

Dr. LEOVIGILDO GOES, D. LUIZA e depois D. HELENA

D. LUIZA (*lê um telegramma*)

Oh! será isso uma felicidade illusoria que vem roubar-me alguns momentos de desespero? Onde está minha mãesinha e minha bôa Cecilia?

DR. LEOVIGILDO GOES

Cautela, minha senhora.

D. LUIZA (*afflicta*)

Perdõe-me, Sr. Doutor. (*Corre para sair quando encontram-se*) Estou salva! (*Abraça-as*) Eis meu protector!

DR. LEOVIGILDO GOES

Não diga assim, minha senhora.

D. HELENA

Salva! Como, Luizinha?!

D. CECILIA

Explica-nos.

D. LUIZA

Eugenio vem já e já impedir esse desgraçado sacrificio.

D. CECILIA

Serás muito feliz, minha bôa amiga; Deus não deixará um só momento de velar pela victima de um pai ambicioso.

DR. LEOVIGILDO GOES

Resta nos o mais difficil.

D. LUIZA

Deus proteger-me-ha, e vencerei, Sr. Doutor.

D. HELENA

Quão nobre é o seu coração, Sr. Doutor! Vejamos agora a justiça dos ceus esmagar os planos tão malevolos do barão traíçoeiro e vil.

DR. LEOVIGILDO GOES

Em nada pude ser util; apenas procurei cumprir um dever de amigo.

D. LUIZA

Ah! Sr. Doutor, nunca esquecer-me-hei de sua gratidão para com Eugenio! (*Ajoelhando-se*) Quanto sou feliz, Senhor Deus! Velai sempre pela virgem torturada por caprichos de um demonio e por imposições de um pai, já que a morte roubou-lhe as caricias santas de uma extremosa mãe! Oh! Protegei e dai-lhe sempre forças para que resista, porque o riso hypocrita e venenoso d'aquelle monstro transformar-se-ha em remorsos, emquanto ella salva será feliz e abençoada por Vós! (*Cae o panno.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

## ACTO SEGUNDO

## SCENA I

A mesma sala. D. LUIZA e o Dr. EUGENIO disfarçado conversam tendo as mãos unidas.

D. LUIZA (*alegre*)

Ainda parece-me um sonho ou impossivel; não posso crer que viesses salvar-me. Como estás tão abatido! E aquelle monstro ou assassino de teu amor talvez que ainda ria-se de seu capricho; mas, não importa-me agora, porque affrontarei contigo e por ti, Eugenio. Amamo-nos desde creanças, temos de unir-nos um dia, e si meu pai exigir ainda esse terrivel casamento, partiremos.

DR. EUGENIO

Não te precipites, escuta-me:

E' preciso occultar-se meu nome; e si houver grande necessidade de fallar-se nelle, peço-te que me chames Luiz Nunes. Para o triumpho ser nosso deve haver muito segredo; o Barão de Pontes Mello dispõe de uma fortuna fabulosa e poderá facilmente trair-nos; teu pai conhecer-me-ha e dirá que fui a causa de seus desgostos, e então serei criminoso. Deixa que elle te martyrise, porque surgirá breve a nova aurora de tua felicidade; não desanimes.

D. LUIZA

E até quando soffrerei, Eugenio?

DR. EUGENIO

E' pouco o tempo de angustias; velarei sempre por ti. (*Ouvem-se passos*) Quem virá ahi?

D. LUIZA

Não sei, talvez seja papai.

DR. EUGENIO (*beija-a*)

Vingar-te-hei (*sae*).

D. LUIZA (*passeando*)

Resta-me agora esta esperança.

## SCENA II

D. LUIZA, COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES e o BARÃO DE PONTES MELLO

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Tãc encantadora!

D. LUIZA (*triste*)

Não zombe, papai. (*A' parte*) Que cynico!

BARÃO DE PONTES MELLO

Estou certo de que V. Ex. já não entre-ga-me áquelle cruel desprezo, não é assim, D. Luiza? (*A' parte*) Hei de humilha-la. (*D. Luiza não o attende.*)

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*dis-farçando*)

Creio que cede, é preciso deixal-os a sós. (*Alto*) Ah!... esquecia-me (*sae*).

BARÃO DE PONTES MELLO (*terno*)

E' bem agonisante a sentença de V. Ex. Talvez julgue que por eu possuir um titulo

e uma fortuna regular, queira zombar de uma mulher; mas, nunca, D. Luiza; amo-a loucamente, esqueça-se de todas essas grandezas e me ame tambem. Restam-nos dias para realizar a nossa mais ardente aspiração; e será possível que V. Ex. rene-gue-me assim?

D. LUIZA (*com desprezo*)

Sr. Barão, si houvsese um meio de aniquilartodos os seus negros intentos, de certo V. Ex. não procuraria perseguir-me tanto; mas, existe um Deus que vele pela victima e que venha impedir a realisação do crime. Eu livrar-me-hei com dignidade de sua mi-sera traição.

BARÃO DE PONTES MELLO

Não creio que V. Ex. falle convicta. Qual o meu crime?

D. LUIZA

V. Ex. incommoda-me; odeio-o por de-mais. Si papai obrigar-me a cumprir sua injusta imposição e humilhar-me a seu capricho, vingar-me-hei, Sr. Barão, pois só a morte far-me-ha esquecer o mancebo que idolatro.

BARÃO DE PONTES MELLO (*irado*)

Que importa-me seu orgulho si hei de vel-o por terra! Nunca esquecer-se-ha de seu amante! (*Rindo-se*) Que importa-me? A sociedade apontal-a-ha como criminosa.

D. LUIZA (*interrompendo-o*)

E a V. Ex. como um infame! (*O Barão de Pontes Mello ri-se*) Ria-se, Sr. Barão, que

mais tarde hei de rir-me tambem! Si V. Ex. tivesse um pouco...

BARÃO DE PONTES MELLO

Insulte-me; diga o que lhe aprouver.

D. LUIZA

Repugna (*sae*).

BARÃO DE PONTES MELLO

Que vibora! Como aninham-se alli a vingança e o crime?! Vingar-me-hei mais tarde (*sae*).

### SCENA III

Dr. LEOVIGILDO GOES e D. HELENA

DR. LEOVIGILDO GOES

Quinze dias apenas.

D. HELENA

E' chegada a vez de manter os seus direitos; o Sr. Commendador não tardará ouvir minha opinião já que convida-me para fazer parte d'este supplicio; é bem provavel não desviar-se de seus caprichosos intentos; mas, procurarei rasgar o veu nojento de tanta maldição apontando assim um bandido á sociedade.

DR. LEOVIGILDO GOES

Estou plenamente convicto de que o Sr. Commendador não deixará de ouvir respeitosa-mente a V. Ex. e repellir ao monstro ou algoz disfarçado.

D. HELENA (*toca a campainha*)  
Desejo estar com Luizinha.

### SCENA IV

Os mesmos, o BARÃO DE PONTES MELLO, o COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES e depois JOSEPHA

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Apraz-me muito este encontro, Sra. D. Helena. (*Ao Dr. Goes*) O Sr. Doutor ultimamente tem desaparecido. (*O Barão de Pontes Mello corteja-os.*)

DR. LEOVIGILDO GOES

Vivo muito occupado e não disponho livremente de tempo algum, Sr. Commendador.

D. HELENA

Sei que está seriamente resolvido a fazer já e já o casamento de Luizinha, não é assim, Sr. Commendador?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Justamente. Recebeu V. Ex. uma cartinha minha?

D. HELENA (*indifferente*)

E foi essa a causa de ter vindo aqui em companhia do Sr. Dr. Goes, que bondosamente prestou-se.

Quando casa-se Luizinha?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
A 25 do corrente.

D. HELENA (*com desprezo*)

E' o senhor o noivo de Luiza Borges?

BARÃO DE PONTES MELLO

E' verdade, minha senhora.

D. HELENA

Não posso de fôrma alguma acceitar o convite que faz-me o Sr. Commendador.

BARÃO DE PONTES MELLO (*espantado*)  
 Porque, minha senhora? (*A' parte*) Estou mal. (*Josepha entra.*)

D. HELENA

Dize a Luizinha que desejo fallar-lhe. (*Josepha sae.*) Conhece-me? (*Ao Barão de Pontes Mello.*)

BARÃO DE PONTES MELLO (*admirado*)  
 Como senhora nobre e generosa.

D. HELENA

Ah! Sr. Barão, o seu cynismo . . .

BARÃO DE PONTES MELLO  
 V. Ex. parece estar prevenida . . .

D. HELENA (*interrompendo-o*)

Felizmente previ! E' este homem, Sr. Commendador, o noivo de Luizinha? Triste condição de uma filha martyrisada por seu pai!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
 Porque diz isto V. Ex. ?

D. HELENA

Ah! Sr. Commendador, si Luizinha não tivesse a infelicidade de perder o anjo de seus disvellos, hoje não seria humilhada aos caprichos de um bandido, nem calcada pela imposição cruel de seu pai.

### SCENA V

Os mesmos e D. LUIZA

D. LUIZA (*correndo para D. Helena*)  
 Minha mãesinha! Salve-me, salve-me por Deus!

D. HELENA

Como puderei salvar-te do abysmo dos

crimes em que vão precipitar-te? Teu pai convida-me para ser uma das testemunhas de teu supplicio, mas, recuso-me preferindo vêr-te morta. (*Apontando o barão*) Eis aqui teu carrasco; encara-o, pede perdão a Deus e sobe covardemente ao patibulo, já que teu pae exige e ninguem pode salvar-te.

D. LUIZA (*correndo aos braços do pai*)

Papai . . . não me faça tão desgraçada! . . . Compadeça-se de sua filha . . . oh! respeite a memoria de minha mãe. . . (*Levantando-se resoluta*) Sim! respeite-a ao menos, já que sou uma misera filha!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*vexado*)

Não maldigas assim, Luizinha; o Sr. Barão ama-te como eu; socega.

D. HELENA (*irada*)

E' agonizante sua sentença, Sr. Commendador! E' por demais infame seu procedimento, Sr. de Pontes Mello.

BARÃO DE PONTES MELLO (*orgulhoso*)  
 Respeite-me, Sra. D. Helena.

D. HELENA (*energica*)

Cale-se, e respeite a memoria d'este homem. (*Mostra-lhe o retrato do marido.*)

BARÃO DE PONTES MELLO (*atrapalhado*)  
 Não comprehendo.

D. HELENA (*indignada*)

Assim fazem os ingratos a que repugna a sociedade. A quem tiraria elle por duas vezes do degredo?

BARÃO DE PONTES MELLO  
 A senhora offende-me.

D. HELENA

Cale-se, covarde! Esqueceu-se de já se ter humilhado a meus pés para obter uma protecção! Mendigo! . . .

BARÃO DE PONTES MELLO (*desanimado*)

Minha senhora . . .

D. HELENA (*entregando uns papeis ao Commendador*)

Ainda tenho documentos, Sr. Commendador; leia-os e salve sem demora a honra de sua familia.

BARÃO DE PONTES MELLO

Ah! si não fossem certas considerações . . .

D. HELENA

Bandido! Respeita aqui ao menos o pudor da virgem que pretendes levar impiamente ao templo das orgias.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*restituindo os papeis*)

E' impossivel, minha senhora; sempre foi honrado o nome do Sr. Barão de Pontes Mello.

D. HELENA

Nunca para mim, Sr. Commendador, que não ambiciono suas migalhas.

BARÃO DE PONTES MELLO (*disfarçando*)

Odeia-me tanto V. Ex., emquanto prezo-a e admiro-a. (*Dr. Leovigildo Goes levanta-se e passeia.*)

D. LUIZA

São baldados seus intentos beneficos, minha mãesinha; deixe-me soffrer, que Deus salvar-me-ha (*sahindo*).

D. HELENA (*sahindo ao mesmo tempo*)  
Deus vingar-te-ha, minha filha.

DR. LEOVIGILDO GOES

Que mysterio, Sr. Commendador! Permitta-me acompanhar estas senhoras (*sae*).

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*respirando*)

Muito soffre um velho pai! Quem diria que a melhor amiga de minha familia viesse hoje ser a barreira do futuro de minha filha!? V. Ex. felizmente, Sr. Barão, é testemunha ocular de meus soffrimentos.

BARÃO DE PONTES MELLO

Bem comprehendo tudo, Sr. Commendador. D. Luiza vive perseguida pelos conselhos de uma senhora, que devia ao menos prezar sua dignidade; mas, isto não impedirá nosso triumpho; tenhamos forças.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

E preferiria a morte á derrota, Sr. Barão!

## SCENA VI

Os mesmos e ALVARO

ALVARO (*entrando*)

Então, meu tio, quando é o casorio da prima? (*A' parte*) Vou divertir-me com este barrão.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Sabbado vindouro, Alvaro.

ALVARO (*coçando a cabeça*)

Mais esta despeza. Vosmecê bem podia fazer-me presente de uma casaca para enver-

gar nessa noite. (*Pausa*) Então vão casar-se sabbado! . . . (*O Commendador passeia.*)

BARÃO DE PONTES MELLO

Com certeza, Sr. Alvaro, e por isso permitta que offereça-lhe o fato necessario para essa noite.

ALVARO

Quanta bondade, Sr. Barão! Sinto profundamente não poder retribuir-lhe; todavia, si quer um bom criado para acompanhá-lo á Europa. . . .

BARÃO DE PONTES MELLO

Dar-me-hia grande prazer acompanhando-me para divertir-se.

ALVARO

Agradecido, Sr. Barão; sou muito devedor a tanta magnanimidade.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(*pensativo*)

Maldita perseguição!

BARÃO DE PONTES MELLO

Esqueça-se, Sr. Commendador; não vexa-se tanto.

ALVARO (*espantado*)

E' commigo?! Que fiz, meu tio?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Cala-te. . . .

ALVARO (*rindo-se*)

Si soubessem. . .

BARÃO DE PONTES MELLO (*assustado*)  
Alguma novidade! (*A' parte*) Desconfio deste homem.

ALVARO

Não queria me vêr em certos apuros.

BARÃO DE PONTES MELLO (*rindo-se*)  
O senhor é bem pilherico.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Dize o que ha, Alvaro.

ALVARO

Deus me livre, meu tio. (*A' porta*) Estava lhe flauteando, Sr. Barão.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(*colerico*)

Alvaro! (*Corre á porta*) Patife!

BARÃO DE PONTES MELLO  
Receia alguma cousa, Sr. Commendador?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Saíamos (*saem*).

## SCENA VII

Dr. EUGENIO e DR. LEOVIGILDO GOES

DR. EUGENIO (*sentando-se*)

Sentemo-nos, Leovigildo; estou muito fatigado.

DR. LEOVIGILDO GOES (*sentando-se*)

Casa-se decididamente com o Barão si te não apresentares; o Sr. Commendador é por demais ambicioso e a nada attenderá; o unico meio portanto, de impedir esta união desgraçada digna e honrosamente é. . . .

DR. EUGENIO (*ancioso*)

Dize, affrontarei todos os obices.

DR. LEOVIGILDO GOES

E' o duello!

DR. EUGENIO (*resoluto*)

Não recusarei; e depois?

DR. LEOVIGILDO GOES

Casar-te-has.

DR. EUGENIO

Ah! e seu pai olhará para mim com desprezo?

Pobre Luiza, coitada; talvez soffra mais e então...

DR. LEOVIGILDO GOES

Nada temas, Eugenio, uma vez que elle ignora o nome do amante de sua filha.

DR. EUGENIO

Bem, Leovigildo; a verdade e a justiça sempre triumpham.

Será a ultima carta que jogarei com dignidade para salvar-a das garras d'aquelle monstro; si porem eu cair...

DR. LEOVIGILDO GOES (*interrompendo-o*)

Defendel-a-hei; e prometto que não casar-se-ha.

DR. EUGENIO

Em nome de nossa infancia e de nossa amizade, espero que cumpras. (*Ouvem-se vozes ternas de duas moças que veem pouco a pouco.*) Vozes! Será Luiza que ahi vem? (*Chega á porta e escuta*) Vem ouvir esta canção melodiosa dos anjos! Quanta poesia e innocencia, Leovigildo? São dois anjos, eil-os. (*Afflicto*) Parece-me... oh! sim... é ella... Luiza!...

Que será, meu Deus!

DR. LEOVIGILDO GOES (*calmo*)

Delirios de uma paixão ardente.

DR. EUGENIO (*continuando sem interromper-se*)

Vem, Luiza . . . amo-te loucamente como sempre; vem dar-me coragem e forças para entrar n'esta luta decisiva! E como vem encantadora! Quanta doçura alli! Anjo innocente (*tomando-a quasi nós braços*), vieste pela ultima vez, quem sabe? dar-me a luz do teu amôr! Vem, que sou bem desgraçado.

## SCENA VIII

Os mesmos, D. LUIZA e D. CECILIA

DR. EUGENIO

Cómo és fascinante! Pallida! Que tens? Porventura este canto cheio de doçura exprimirá uma ventura?

Serás minha?

D. LUIZA (*triste*)

Como soffres, Eugenio! Meu canto é o balsamo do coração agonizante; exprime as ultimas phrases do sacerdote fortalecendo a victima, que vai subir ao patibulo; esquece-te para sempre de uma desgraçada que ama-te ardentemente. (*Chora.*)

DR. LEOVIGILDO GOES

Coragem, minha senhora.

DR. EUGENIO (*resoluto*)

Coragem, Luiza; não penses n'este momento de regeneração na nossa desgraça; salvar-te-hei em breve, e se morrer . . .

DR. LEOVIGILDO GOES (*interrompendo-o*)  
Sacrificar-me-hei.

D. LUIZA

Sim, Sr. Doutor, seu coração é muito nobre, mas, a fatal perseguição que acabrunha-me é invencível!

D. CECILIA

Terrível sacrificio! Será possível o triumpho d'aquelle bandido?

DR. LEOVIGILDO GOES  
Asseguro que nunca, minha senhora.

DR. EUGENIO  
Ouço passos. (*Todos escutam.*)

D. CECILIA (*á porta*)  
E' o Sr. Commendador.

DR. EUGENIO (*beija-lhe a mão*)  
Em poucas horas vingarte-hei, Luizinha. (*Sae.*)

DR. LEOVIGILDO GOES  
E Deus guiar-te-ha! (*Sae.*)

## SCENA IX

As mesmas e o COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Estás resolvida a decidir favoravelmente o pedido do Sr. Barão?

D. LUIZA (*humilde*)  
Si papai exigir ainda...

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
E não desejas?

D. LUIZA  
Odeio-o por demais, e depois....

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(*com severidade*)

Exijo-o. Que importa-me que a Sra. D. Helena queira guiar-te para caminho diverso? Sou teu pai, e ninguem tem mais direitos sobre ti. Serás esposa do Barão de Pontes Mello; tenho razões para fazer esse casamento; si, porem, recusares nos ultimos instantes, esconder-te-hei de todos abrigando-te n'um convento.

D. LUIZA (*chorando*)

Para que pune-me tão injustamente, papai? Que será de meu futuro unida a um homem que tanto me infamará? Ah! prefiro vêr-me encerrada no convento, porque sempre serei mais feliz.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Senta-te junto a mim, que sou um miseravel. Que será de nós si porventura o Sr. Barão exigir os duzentos contos de réis de que me é credor?

D. LUIZA

Pagar-se-hão, papai, e havemos de encontrar um abrigo hospitaleiro e cheio de felices cidades.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(*deixa cair a cabeça*)

Maldição para mim, meu Deus!

D. CECILIA

Resta ainda muito tempo para salvar-se a dignidade de uma familia.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
E como desenganal-o?

D. LUIZA

Terei forças para isto, papai.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Não, Luiza, teu pai ainda tem coragem. (*A' parte*) Tentarei ainda uma vez. (*Alto*) Porque recusas este casamento? Não sabes que o oiro compra as linguas maldizentes?

D. LUIZA

Que importa o oiro, papai; si a pobreza não nos aviltará?

### SCENA X

Os mesmos e o BARÃO DE PONTES MELLO

BARÃO DE PONTES MELLO

Que é que tanto incommoda-o, Sr. Commendador?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*á parte*)

Que hora terrivel! (*Alto*) Preciso ser-lhe hoje muito franco, Sr. Barão, já que assim exigem a dignidade de minha filha e os deveres de bom pai.

Luiza recusa-se ser sua esposa; impuz-lhe um sacrificio a que não tinha direito; apontei-lhe o tumulo; porém, a consciencia diz-me cedo ser criminoso e temo as consequências que certamente serão fataes.

BARÃO DE PONTES MELLO (*contrariado*)

Sim; era essa a solução de tal problema!... Resta-me uma esperança (*sae*).

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Como ama-te, Luizinha!

D. CECILIA

Como finge, Sr. Commendador!

### SCENA XI

Os mesmos, o DR. LEOVIGILDO GOES e depois o BARÃO DE PONTES MELLO

D. LUIZA

Apraz-me muito, Sr. Doutor, sua chegada n'este momento.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(*cumprimentando-o*)

Sr. Dr. Goes. (*Pausa*) Sou um desgraçado. Si um dia souber de minha morte, vele por minha filha, que Deus recompensar-lhe-ha.

DR. LEOVIGILDO GOES

Explique-me esse mysterio, Sr. Commendador.

D. LUIZA

E' a justiça dos ceus que protege-me, Sr. Doutor.

DR. LEOVIGILDO GOES (*pensativo*)

Ah!

BARÃO DE PONTES MELLO

Está firmado no seu novo intento, Sr. Commendador?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Certamente, Sr. Barão.

BARÃO DE PONTES MELLO (*á D. Luiza*)

Será possível que V. Ex. arruine os dias de minha existencia apunhalando o amor santo e puro que alimento? Ainda tenho um atomo de esperanza; diga somente — amo-o — ainda que esse amor não seja irmão do meu; mas, oh! dê-me essa luz vivificadora, que serei feliz! Falle, responda-me; não repilla-me com o silencio, dê-me um sorriso angelico que venha trazer-me vida . . .

D. LUIZA (*com escarneo interrompendo-o*)  
E' muito ridiculo seu papel, Sr. Barão.

BARÃO DE PONTES MELLO

Minha posição nunca permittirá descer.  
Hei de vêr tanto orgulho aos pés de meus  
lacaíos!

DR. LEOVIGILDO GOES (*avança-se*)  
Infame! (*Movimento geral.*)

## SCENA XII

Os mesmos e o Dr. EUGENIO (*disfarçado*)

DR. EUGENIO (*á porta do fundo*)  
O Sr. de Pontes Mello?

BARÃO DE PONTES MELLO  
A's ordens.

DR. EUGENIO  
Leia e resolva-se (*dá-lhe um papel.*)

BARÃO DE PONTES MELLO (*disfarça depois  
de lêr*)

Que é isto?

DR. EUGENIO  
Não gracieje, defendo uma victima!

BARÃO DE PONTES MELLO (*avançando*)  
Ousado!

DR. EUGENIO (*detendo-o*)  
Covarde! Costumo lavar os ultrages com  
honra; acceita?

BARÃO DE PONTES MELLO  
Seu nome?

DR. EUGENIO  
Luiz Nunes. (*D. Luiza ajoelha-se e ora.*)

BARÃO DE PONTES MELLO  
Sigamos (*saem*).

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Que será, meu Deus?!

DR. LEOVIGILDO GOES  
A victoria do martyr, Sr. Commendador.  
(*Sae ligeiro.*)

D. CECILIA  
E ella, coitada!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*pen-  
sativo*)

Luiz Nunes! O defensor de sua victima!  
Ah! Senhor Deus! Salvai ao menos a honra  
de minha filha, já que fui origem de tantos  
soffrimentos. (*Cae recostado, — Desce o  
panno.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO

## ACTO TERCEIRO

### SCENA I

Sala modestamente mobiliada; duas portas ao fundo. Ao levantar-se o panno vem apparecendo o COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES e D. LUIZA.

D. LUIZA

Era um segredo que levaria ao tumulo si papai não usasse de benevolencia para sua filha, que tanto soffre. Amei por uma fatalidade, e esse amôr mostrou-me a luz de um futuro de felicidades; creança ainda divisei a estrella de meus mais vivificantes sonhos; era um fogo desconhecido que ardia em meu peito, um impossivel que não me foi possivel destruir e que Deus bemdisse. Em breve surgiu o martyrio, vi por terra todos os meus anhelos, pois tudo que havia de mais sublime em minh'alma foi dissipado pelo rigor que papai impoz-me...

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
E és amada com a mesma sinceridade?

Sim, papai. D. LUIZA

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Ah, boa filha! fui um louco impondo-te um crime e bem cruel exigindo um sacrificio! Perdoas-me?

D. LUIZA

Perdão? Acaso papai commetteria um crime? Ultrajaria a honra de sua filha? Esqueça-se de tudo, porque eu tambem concorri para meus soffrimentos, occultando-lhe este segredo. O Sr. de Pontes Mello exige o pagamento de sua conta, cumpra-se; seremos pobres; mas, nossa consciencia viverá sempre pura como é a honra de nossa familia.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
E que será de ti, minha filha?

D. LUIZA (*ri-se ligeiramente*)  
Serei muito feliz, papai.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Quanto fui criminoso! (*Senta-se e recosta a cabeça.*)

D. LUIZA

Quantos martyrios, papai! Basta de tantas afflicções para sua filha já cançada de soffrer.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*levantando-se*)

Pobre anjo! Quem proteger-te-ha?

D. LUIZA

Deus, papai!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Ah!...

## SCENA II

Os mesmos e o Dr. LEOVIGILDO GOES

DR. LEOVIGILDO GOES (*como louco*)  
Vencido! Morto!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Morto!

D. LUIZA (*ao mesmo tempo*)

Elle?... o assassino de meus dias? (*Ajoe-lha-se*) Quanto sois Justo, Senhor Deus!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
E qual a origem d'esse duello, Sr. Doutor?

DR. LEOVIGILDO GOES (*com severidade*)  
Mysterios de um amor! (*A' parte*) E ella está salva!

D. LUIZA (*toca a campainha*)

Quero que minha mãesinha e Cecilia, companheiras constantes de meus soffrimentos, venham tambem compartilhar de minha felicidade. Estou salva! (*Sae afflicta.*)

DR. LEOVIGILDO GOES

E' mister acompanhar-a, Sr. Commendador.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
E eu cheio de remorsos, meu Deus! (*Sae.*)

DR. LEOVIGILDO GOES  
Já maldiz-se! Já conhece o abysmo! (*Sae.*)

## SCENA III

Dr. EUGENIO e depois JOSEPHA

DR. EUGENIO

Luiza! Onde encontrar-te? Estás salva! Dá-me o beijo innocente e de ventura. Oh! não vêr-te-hei mais? Impossivel! Vinguei-te; estás salva! (*Senta-se.*)

JOSEPHA (*entrando*)

Ah! Que susto!

DR. EUGENIO (*afflicto*)

Desconheces-me, Josepha? Onde está Luizinha?

JOSEPHA

Vou chamal-a já. (*Sae correndo.*)

DR. EUGENIO (*ouve passos*)

E' preciso cautela; ouço passos. (*Sae.*)

## SCENA IV

ALVARO (*só e correndo a sala com os olhos*)

Ninguém! O que vem isto dizer? Felizmente realisou-se minha prophecia; e agora preciso tambem casar-me. Mas, como posso arranjar o par de botas si não dou para tal?! Emfim...vou tentar. (*Senta-se.*) A viuva da rua da Luz possui seus trezentos continhos que já servem para um rapaz gaiato como eu; é certo que sempre fallar-me-ha no defunto marido; lá isso é o menos; mas... é velha, e depois... falta-lhe um olho. Vamos a outra. A filha do Guimarães da rua de Santa Ignez é bonitinha, mas... oito contos... e muito... (*olha para os lados*) namora-deira... nada, não serve. (*Pausa*) Magnifico! (*Levanta-se*) Não podia ser melhor! Amiga da prima e portanto sympatisar-se-ha cá com o velho. E que pechincha! Só em moeda 300 continhos; não tem papai e mamãe, e portanto estou rente. Mas, que diabo, como ha de ser isto? Si o Pontes Mello fosse vivo ia pedir-lhe um plano, mas... A prima arranjará isto.

## SCENA V

O mesmo, D. LUIZA e o Dr. EUGENIO que não o veem

D. LUIZA

Conta-me tudo, Eugenio. Como estás encantador!

DR. EUGENIO

Sim, Luizinha, dir-te-hei tudo.

ALVARO

E eu ouvirei se me permittirem.

D. LUIZA (*assustada*)

Primo!...

ALVARO (*sahindo*)

Não os incommodo.

DR. EUGENIO

Vem cá, escuta-me.

ALVARO

Qual... qual (*desapparece*).

DR. EUGENIO

Ainda recordo-me do temor que apode-rou-se de teu pai, quando o Barão de Pontes Mello disse-me—sigamos—. Conheci que o velho estava aterrorisado e que já lhe parecia vêr pouco a pouco a justiça dos céus. Estavas pallida, ajoelhaste e oraste com grande fé; temias que fosse eu o vencido, não, minha bóa Luiza? Ah! mas Deus protegeu-nos. Segui com o Sr. de Pontes Mello para a ponte do Bispo, onde esperamos nossas testemunhas; a lua estava irradiante e bella, o mar recebia o reflexo nas suas ceruleas ondas, o céu azulado mostrava seu infinito manto de estrellas; tudo era poesia, quando batiam duas horas na torre da cathedral. Puchamos nossas armas; batemo-nos, fui levemente ferido n'este dedo; prefe-ri o revolver, e a primeira bala, que mandei, fez tombar meu orgulhoso parceiro!

Triumphei, Luiza; vi o homem, que tanto

jactava-se de suas infâmias e ria-se de sua victima, cair em um momento aos pés de seu rival! Era um quadro imponente — a victima vingada e o algoz humilhado.

D. LUIZA

Como és bom! Agora resta-nos corôar tantos martyrios originados de papai, que hoje, dominado pelo remorso, necessita de teu perdão.

DR. EUGENIO

Não falles de teu velho pai; consola-o, anima-o, senão poderá morrer sem conhecer ao menos o amante de sua filha.

D. LUIZA

Farei o que me ordenas, Eugenio. Oh! minha mãesinha demora-se!

DR. EUGENIO

E tua Cecilia?

D. LUIZA (*indo vél-a*)

Não viste-a? Estava no jardim colhendo flores. (*Vendo-a*) Eil-a.

## SCENA VI

Os mesmos, D. CECILIA e depois ALVARO

D. CECILIA (*entrando*)

Que lindo par! Se eu fosse amada...

D. LUIZA (*beijando-a*)

Minha bôa Cecilia! Que linda sempre-viva trazes nos cabellos!

D. CECILIA (*disfarçando*)

Trago-lhe este amor-perfeito, Sr. Doutor; e a ti esta saudade. (*Á parte*) Aquelle Alvaro...

DR. EUGENIO

Muito agradecido, D. Cecilia. A minha inesperada viagem e as grandes occupações não

permittiram-me ainda que cumprisse meu dever; estou certo, porem, de que V. Ex. desculpar-me-ha.

D. CECILIA

Sei perfeitamente de tudo, Sr. Doutor; e por essa razão é que apressei-me em procural-o. Suiu victorioso, e nem deixaria de o ser quando Deus purificou a innocencia quasi maculada pelo crime.

D. LUIZA

E agora...

D. CECILIA (*interrompendo-a*)  
Deus abençoal-os-ha.

DR. EUGENIO

E quando casa-se V. Ex.?

D. CECILIA (*disfarçando*)

Não tenciono, Sr. Doutor, porque mesmo nem amo.

DR. EUGENIO

Impossivel!

D. LUIZA

Eu desconfio. (*D. Cecilia ouve Alvaro, que vem cantando, e passeia.*)

## SCENA VII

Os mesmos e ALVARO

ALVARO (*cantarolando*)

Estou seriamente apaixonado... palavra, prima.

DR. EUGENIO

Creio que prevejo...

ALVARO (*admirado*)

Falla comigo? (*Á parte*) Já deram pela historia.

D. LUIZA

Preciso fallar-te em segredo, primo.

ALVARO

Mas... em muito segredo, prima?

D. LUIZA

Não ha duvida. (*Dirigem-se para um lado.*)

DR. EUGENIO

Não deixe de convidar-me, D. Cecilia...

D. CECILIA

Si não amo...

DR. EUGENIO

Nem ao Alvaro? (*D. Cecilia ri-se.*)

DR. EUGENIO

E' provavel, não?

D. CECILIA

Mas...

DR. EUGENIO

Basta, já comprehendo-a.

D. LUIZA (*á D. Cecilia*)

Bravo, Cecilia; e nada me disseste!

ALVARO (*desconfiado*)

Si eu advinhasse...

DR. EUGENIO

E' exacto, Luizinha; amam-se?

D. LUIZA

E cegamente, Eugenio. O primo pede-me que faça essa declaração receiando não ser attendido, apesar de já ter Cecilia accitado aquella sempre-viva.

D. CECILIA (*disfarçando*)

E que certeza tem o Sr. Alvaro de não ser feliz em sua tentativa?

ALVARO (*vexado*)

Esta prima...

DR. EUGENIO

Franqueza, Alvaro.

ALVARO (*á parte*)Valha-me Deus! (*Alto*) Sim, amo-a, e espero desposal-a se assim permittir.

D. CECILIA

Si assim deseja...

DR. EUGENIO

E como elle escondia!...

D. LUIZA

Escondeste de mim, heim, ingrata?

D. CECILIA

Si ignorava...

ALVARO (*á parte*)

Lá isso é exacto... Bem; sou noivo.

## SCENA VIII

Os mesmos e D. HELENA

D. HELENA

Parabens, Sr. Dr. Eugenio. (*D. Luiza beija-a.*)

DR. EUGENIO

Agradecido, minha senhora; Deus protegeu-me.

D. LUIZA

Estou certa de que papai não se opporá mais.

D. HELENA

Ah! minha filha, teu pai...

D. CECILIA

Esqueça-se, D. Helena.

D. HELENA

Tanto horror!

DR. EUGENIO

E si ainda teu pai fôr causa de algum soffrimento?

D. LUIZA  
Prometto que não será.

D. HELENA  
E então...

D. LUIZA (*interrompendo-a*)  
Oh! minha mãesinha, basta. (*Affagando-a.*) Sabe que o primo vai casar-se com a minha boa Cecilia?

D. HELENA  
Que dizes? teu primo Alvaro?

D. LUIZA  
Sim.

D. HELENA  
Felizmente tomou um pouco de juizo.  
ALVARO (*que estava separado de todos*)  
Estou ouvindo tudo.

D. LUIZA  
Nem me lembrava que estavas ahi, primo.

D. HELENA  
Nem o tinha visto. Meus parabens.  
ALVARO (*lendo uma gazeta*)  
Obrigado, obrigado. (*A' parte*) Vale a pena o casorio.

D. HELENA (*ouvindo passos*)  
E' bom que occulte-me por alguns instantes. (*Esconde-se fóra.*)

DR. EUGENIO  
Teu pai, Luizinha. (*Sae.*)

### SCENA IX

Os mesmos, o COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES, menos o Dr. EUGENIO e D. HELENA

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Quanto é generoso teu coração, minha filha! Tenho sido tão cruel para contigo!

Soffreste, vendo eu roubar todos os sonhos venturosos de tua vida, não é assim? Ah! desgraçado de mim!...

D. LUIZA  
Esqueça-se, papai.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Como esquecer-me-hei, si obriguei a tra-gares tão amargo veneno? Como será possível olvidar-me de que zombei por tanto tempo de teu amor? Não vês que tive em menospreço teus segredos e aviltei tuas aspirações tão santas?

D. CECILIA  
Basta, Sr. Commendador; não se martyrise com essas tristonhas recordações.

D. LUIZA  
Sim, papai; esqueça-se da angustiosa noite de hontem, idealise sempre o dia de amanhã e abençõe a aurora de minha ventura.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
Teu pai é um desgraçado! (*Alvaro sentado escreve.*)

### SCENA X

Os mesmos e D. HELENA

D. HELENA  
Sr. Commendador Borges Guimarães.  
COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(*confuso*)  
Minha senhora... (*A' parte*) Quanto crime, meu Deus!

D. HELENA (*disfarçando*)  
Ainda persiste na sua tentativa injusta?

D. CECILIA (*á parte*)  
Pobre velho!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(abatido)

E' bem justa, porém por demais rigorosa, em tão critica situação, a pergunta de V. Ex.; todavia, resignar-me-hei, já que plantei a discordia. Fiz-me duvidar de V. Ex., quando apontava-me aquelle bandido, porque temia ser um desgraçado; mas, a dignidade de meu character não permittia que a honra de minha familia fosse ultrajada. Estava ebrio de ambição; vi alli a felicidade de minha filha, quando era um cancro roedor, que estava occulto para mais tarde arruinar o nome e a honra da familia Borges Guimarães. (*Deixa cahir a cabeça.*) E V. Ex... ah! minha senhora, si fôr necessario humilhar-me a seus pés fazendo-lhe esquecer-se de tanto crime, diga-me e cumprirei, já que sou apontado pelo dedo de Deus como um pai criminoso.

D. HELENA

Nunca, Sr. Commendador! Embora houvesse uma noite de crimes, houve tambem um anjo martyrisado! Bem sei que morreu o Sr. de Pontes Mello; prezarei sempre a familia Borges Guimarães respeitando a memoria de minha amiga e amando sempre sua filha. Não maldiga-se, Sr. Commendador, esqueço-me de todos aquelles dissabores; raiou de novo a aurora de venturas para Luizinha; sejamos disvellados porella; eis nossa missão.

D. LUIZA (*disfarçando o incommodo de seu pai*)

Vamos ao jardim, papai? Acompanhe-nos, mãesinha.

D. HELENA

Sim, Luizinha. (*Saem.*)

ALVARO (*levantando-se*)

Ora, metti-me n'uma dos diabos! Lembrar-me de casamento n'esta epoca! Só de doudo! (*Sae ligeiro.*)

## SCENA XI

Dr. EUGENIO, Dr. LEOVIGILDO GOES e o COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Dr. LEOVIGILDO GOES

Não sairás mal succedido; o Sr. Commendador vive perseguido por cruel arrependimento e considerar-se-ha por demais feliz si conhecer o amante de sua filha.

Dr. EUGENIO

Que dizes?! E para que tantos martyrios?

Dr. LEOVIGILDO GOES

Rasgue-se o veu que ha tanto tempo encobre um mysterio, Sr. Commendador, encontrando os mortificados um apoio em V. S., que tambem achará n'elles o balsamo de seus soffrimentos.

E seja esse o unico meio de esconder-se o passado de tão rigorosas injustiças do pai, que assassitaria sua filha com o punhal da dôr si Deus não velasse por ella.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(*humilde*)

Mas, como, Sr. Doutor, encontrarão em mim os mortificados um apoio se sou um criminoso?

Dr. LEOVIGILDO GOES

Apresentando-lhe, Sr. Commendador, meu collega Dr. Eugenio de Andrade, que poderá

facilmente descrever esta longa e cruciante historia.

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Honra-me summamente seu conhecimen-  
to, Sr. Doutor, tanto mais quando vai dar o  
melhor balsamo para as feridas de meu aba-  
tido coração.

DR. EUGENIO

Si o Sr. Commendador honrasse me com  
a presença da Sra. D. Luiza Borges e suas  
amigas...

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

(*toca a campainha*)

Já, Sr. Doutor.

DR. LEOVIGILDO GOES

E' bem cruel, Sr. Commendador, a his-  
toria; mas, tambem é sublime o quadro que  
apresentar-se-ha em breve.

## SCENA XII

Os mesmos, D. HELENA e D. LUIZA (que entram conversando)

D. LUIZA (*repara-os*)

Papai! (*Ambos cumprimentam ao Dr. Eugenio.*)

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Esperava a criada para annunciar-te meu  
chamado, á Sra. D. Helena e á tua Cecilia.

D. HELENA

Está mais tranquilizado, Sr. Commen-  
dador?

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Ainda não estou, minha senhora; mas  
espero encontrar um lenitivo nas phrases  
do Sr. Dr. Eugenio de Andrade. (*D. Helena  
e Luiza conversam. — Josepha entra*)

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES

Dize a D. Cecilia que Luizinha espera-a.  
(*Ao Dr. Eugenio*) Podemos começar, Sr.  
Doutor.

DR. EUGENIO

Quando existem dous corações que se  
estreitam e duas almas que se unificam,  
Sr. Commendador, é porque Deus bem diz  
essa união. Sua filha amou desde infancia  
a um mancebo que com ella lutou sempre  
com adversidades; um dia elle teve de  
obedecer á lei que o chamava de longe,  
partiu; mas, lá quando esforçava-se na  
conquista do merito e sacrificava-se pelo  
dever, quando justamente mais desperta-  
va-se em su'alma a saudade, filha unica  
do amor de tanto tempo, uma noticia cruel  
foi lhe servir de prenuncio da borrasca  
cruenta: era o Barão de Pontes Mello que  
ia desposal-a!

E V. S. impunha-lhe o sacrificio!

Mas, seu amante partiu, esquecendo-se  
dos deveres e renegando os louros para  
affrontar os obices.

## SCENA XIII

Os mesmos, ALVARO e D. CECILIA (que entram silencio-  
samente)

DR. EUGENIO (*sem interromper-se*)

Estava prestes a realisação do crime; ella,  
a pobre victima, ia ser escrava aviltada  
d'aquelle algoz, quando um dia, Sr. Com-  
mendador, entrava disfarçado n'esta sala seu  
amante appellidado por Luiz Nunes para  
vingal-a! E ella orava ardentemente! Se-

guiram os dois parceiros, um avido de glorias para sua amante e outro sequioso de vingança; mas este, o vil, o algoz, caiu aos pés de seu rival! E ella venceu, Sr. Comendador!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES (*afflicto*)

Recordo-me de tudo; basta; mas, diga-me por Deus, Sr. Doutor, quem é o amante mysterioso de Luiza para pedir-lhe tambem o perdão?

DR. EUGENIO (*beijando-lhe a mão*)

Eugenio de Andrade, Sr. Commendador!

COMMENDADOR BORGES GUIMARÃES  
(*aterrado*)

Quanto crime, Senhor Deus! . . . (*Cae.—  
Desce o panno.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO





